

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Auto da Compadecida: o grande teatro

Montar o texto clássico super conhecido e apresentado, em diferentes plataformas e maneiras, da comédia *O auto da Compadecida* é um desafio que só experimentados diretores como Gabriel Villela ousariam enfrentar. O formato dramático do texto remete ao teatro medieval, que se valia de personagens de santos, neste caso, inclusive Jesus Cristo e a Virgem Maria, para os seus enredos, na tentativa de captar a atenção e cooptar os crentes. Suassuna produziu quase uma dezena de textos dramáticos, sempre sob esta inspiração, transformando, inclusive, algumas comédias gregas antigas - ou comédias romances, em especial de Terêncio, de vocabulário e situações menos agressivas - reambientando seus enredos no Nordeste brasileiro. Não é diferente com *O Auto da Compadecida*, que se refere à Virgem, assim denominada pelo catolicismo, a 'compadecida', por ser sempre invocada por aqueles que estejam desesperados em suas situações-limite - no caso, uma série de personagens, que vai de um bispo a um sacerdote, um cangaceiro, um coronel sertanejo, um padeiro ambicioso e sua adúltera mulher, passando por duas figuras populares e socialmente marginais, que remetem à figura dos picaros da narrativa medieval espanhola. A obra, dedicada ao também dramaturgo, romancista e diretor de teatro Hermilo Borba Filho, estreou no Primeiro Festival de Amadores Nacionais, no Rio de Janeiro, em janeiro de 1957, sob a direção de Clênio Wanderley. O sucesso foi imediato e nunca mais deixou de acontecer, por mais bem conhecido que seja seu enredo. Ou melhor, talvez justamente por causa disso. Como no caso do teatro grego de antes de Cristo, a gente vai assistir sabendo tudo, mas querendo descobrir a maneira (diferente, nova, inesperada) com que o diretor vai mostrar aquele enredo.

Gabriel Villela não se fez de rogado. Com o grupo Maria Cutia, dedicado especialmente ao teatro de rua desde sua fundação, em 2006, revisita *O auto da Compadecida*, que estreou em 2019 e segue no cardápio do grupo, valendo-lhe inclusive, o convite para o Porto Alegre em Cena.

O espaço do CHC Santa Casa certamente não era o melhor. O cenário ficou

apertado, mas o grupo resolveu bem a questão. O que fez Villela? Este é tipicamente um espetáculo a que Oswald de Andrade denominaria de antropofágico. Partindo da característica farsesca do texto, Villela corta algumas passagens, valorizando a trama central: a vingança de João Grilo contra seus patrões, pelos maus tratos que ele e Chicó sofrem. Ao mesmo tempo, surge a crítica à Igreja enquanto instituição vendida à hierarquia do dinheiro: o cachorro de um pobre coitado certamente não pode ser enterrado com alguma oração, mas o cachorro do Coronel Antonio Moraes o pode, desde que haja algum dinheiro para repartir entre o bispo, o sacerdote e o sacristão.

Enquanto farsa, não nos admiramos da chegada do Demônio, na figura do Encourado, uma das tradições da cultura popular nordestina e, depois, do Cristo - o ator deve ser negro - e da Compadecida (que, por seu lado, é branca, bem representando o sincretismo das raças no país). João Grilo, morto pelo cangaceiro Severino do Aracaju, antes de ser condenado apela à mãe de Jesus. Por um ou outro motivo, corroborado pela Virgem, ele alcança salvar a todos os demais. Quando indagado sobre sua sorte, pede para voltar a viver. É como o retorno do Purgatório da religião católica, no que é atendido.

O cenário sintetiza, em cinco pequenos palcos móveis, os teatros mambembes populares, desde os *corrales* espanhóis. Os figurinos, como estes cenários, são extremamente coloridos. Até aqui, temos tudo dentro de certa tradição. A novidade, mesmo, é a trilha sonora, que incorpora canções populares, peças do cancionário dos anos 1950 e 1960, de modo que, a todo momento, o espectador é levado a cantarolar com os personagens a música que ocupa seus espaços, vitalizando o enredo. O resultado é extraordinário, com um rejuvenescimento entusiasmante de todo o texto e, por consequência, do espetáculo em si mesmo. Destaque, neste caso, ao enredo, que tem uma vitalidade surpreendente, com sete intérpretes altamente capacitados. A hora e meia do espetáculo passa sem que a gente se dê conta. E o teatro é, mais uma vez, o grande vencedor.

acontece



THIELE ELISSA/DIVULGAÇÃO/JC

Agenda vai de 10 a 31 de outubro e reúne oficinas, feira de livros, espetáculo teatral, cinema e jogos

CCMQ promove programação gratuita para o Mês das Crianças

A Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) promove, entre os dias 10 e 31 de outubro, uma programação especial e gratuita em celebração ao Mês das Crianças. Voltada para o público infantil e suas famílias, a agenda reúne oficinas, feira literária, espetáculo teatral, exibição de cinema e jogos. As ações buscam ampliar o acesso de crianças às artes e integrá-las aos diferentes espaços do complexo cultural. Confira a programação completa nos sites do JC e da CCMQ.

A programação abre no dia 10 com a oficina *Sanfonada Cultural* e segue

no dia 11 com o espetáculo *Preta, Preta, Pretinha*. Nos dias 17 e 18, acontecem o Circuito de Brincadeiras, a Feira Infantil Literária, oficinas de teatro de sombras e contação de histórias. As atividades encerram no dia 24 com o clássico teatral *Lili Invento o Mundo*, campeonato de jogos e a exibição do filme *Toy Story*.

A iniciativa integra o plano bianual da CCMQ, financiado pela Lei Rouanet e apresentado pela Petrobras, com patrocínio do Banrisul e BRDE, apoio de Tintas Renner e iSend, e realização do Ministério da Cultura.

Celebração a Lupicínio Rodrigues em formato de rádio ao vivo

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) apresenta o concerto *Lupi Vive: uma homenagem ao compositor Lupicínio Rodrigues* nesta sexta-feira, às 20h, no Complexo Cultural Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Com concepção do regente assistente e violinista Arthur Barbosa, a apresentação recria a atmosfera dos programas de rádio ao vivo das décadas de 1940 e 1950. Os ingressos variam entre R\$ 15,00 e R\$ 70,00 e estão disponíveis na plataforma Sympla e na bilheteria local.

No espetáculo, o ator e cantor Álvaro Rosa Costa encarna o próprio Lupicínio Rodrigues, conduzindo a narrativa e revelando os bastidores de clássicos da dor de cotovelo como *Nervos de Aço*, *Se Acaso Você Chegasse*, *Vingança* e *Esses Moços*. Ao seu lado, as cantoras Andréa Cavaleiro e Glau Barros dividem os vocais interpretando as "rainhas do rádio"

da época. A programação conta ainda com a palestra prévia *Notas de Concerto*, ministrada pelo pesquisador e biógrafo Arthur de Faria às 19h. O evento terá transmissão ao vivo pelo canal da Ospa no YouTube.



REPRODUÇÃO/JC

Espectáculo celebra Era de Ouro do Rádio